



MANUEL CALDEIRA CABRAL MINISTRO DA ECONOMIA

## “Estamos a lançar linhas de créditos com 2.700 milhões de euros”

Caldeira Cabral garante que “o programa Capitalizar está no Ministério da Economia” e que o banco de fomento está a funcionar em pleno.

PRIMEIRA LINHA 4 a 7



## PRIMEIRA LINHA NOVAS LINHAS DE CRÉDITO

MANUEL CALDEIRA CABRAL MINISTRO DA ECONOMIA

# “Estamos a lançar linhas com 2.700 milhões de euros”

O Governo vai renovar as linhas de crédito disponíveis para as empresas, mas já teve de reforçar a que foi lançada em 2017. Para 1.600 milhões de euros houve procura de 2.500 milhões de financiamento, revela ao Negócios o ministro da Economia.

ALEXANDRA MACHADO

amachado@negocios.pt

MIGUEL BALTAZAR

Fotografia

O Governo vai lançar novas linhas de financiamento, no âmbito do Capitalizar. São 2.700 milhões de euros, sendo 500 milhões financiados via BEI, na qual é a primeira linha em que o banco de fomento actua como grossista, e 600 milhões para exportadoras.

### Contam com todos os bancos nas linhas que vão ser lançadas?

Temos um conjunto muito amplo de bancos a participar, mas em algumas sublinhas nem todos participam. Mas basicamente os bancos aderiram muito bem. No ano passado lançamos antes do Verão linhas de 1.600 milhões e os montantes esgotaram-se muito mais cedo e tivemos de acelerar o processo e reforçar as linhas. As linhas com 1.600 milhões do ano passado deram 2.500 milhões de crédito às empresas. A procura foi maior do que o previsto.

### Quantas operações?

Estamos a falar de 25 mil empresas envolvidas e que têm no seu total 330 mil trabalhadores.

### Quando foram reforçadas?

Foram reforçadas no ano passado com instrumentos do Iapmei e da sociedade de garantias mútuas.

### Sairam de outras linhas com menor procura?

De reembolsos que foram feitos.

### As PME Crescimento tiveram

### agora o fim?

Algumas. Mas quando estamos a financiar tesouraria os reembolsos começam ao fim de um ou dois anos.

### E estes 1.600 milhões também são por via dos reembolsos?

Não. Os 1.600 milhões é com novos instrumentos financeiros. Estamos a fazer a renovação das linhas Capitalizar com 1.600 milhões, e no final do primeiro trimestre deste ano lançamos a linha Capitalizar Mais que colocou 1.000 milhões e que permite investimentos até 12 anos, e com até três anos de período de carência.

### Já está toda colocada?

Não, está parcialmente, mas arrancou há três ou quatro meses. Há cerca de 200 milhões de execução da linha, e em cima dos 800 milhões ainda disponíveis estamos a colocar mais 1.600 milhões renovando as linhas de tesouraria, de fundo de maneo e investimento, e lançando uma linha especial para micro e pequenas empresas. Mas vamos lançar ainda a MidCaps, que vai trazer mais 500 milhões ao sistema, uma linha que se vai financiar directamente ao BEI.

### O acordo com o BEI está feito?

Sim, a linha está pronta a ser lançada. É a primeira operação “on-lending”, isto é, a primeira operação em que a IFD [Instituição Financeira de Desenvolvimento, vulgo banco de fomento] vai buscar financiamento a uma instituição internacional, fazendo o papel grossista, e transmitindo essa capacidade ao retalho e à banca. Estamos a alargar a base de financiamento aos fundos estruturais e através de “on-lending” com financiamento directo de instituições internacionais que era uma das funções da IFD.

### Finalmente a IFD vai funcionar?

“O nível de incumprimento nestas linhas é muito inferior ao nível geral do mercado.”

“Finalmente a IFD está a dar passos e a funcionar no pleno.”

“O programa Capitalizar está no Ministério da Economia.”

Finalmente a IFD está a dar passos e a funcionar no seu pleno. Trabalhámos ao longo do último ano e meio para assegurar que a IFD não era meramente uma instituição com instrumentos com base nos fundos estruturais alocados ao país, mas que pudesse criar instrumentos de financiamento com base no “on-lending”, transferir capacidade de financiamento do BEI, e que possa existir noutras instituições internacionais, para a rede de distribuição, para a banca, fazendo o papel de grossista.

### A PME Investimento não podia fazer isso, tinha de ser uma instituição financeira?

As instituições internacionais privilegiaram que houvesse uma instituição grossista a fazer este papel, sendo que a PME Invest vai continuar a ter o seu papel no controlo da execução das linhas. Com este passo adicional, e com outros que queremos dar, no futuro próximo, está a consolidar-se [a IFD] como uma verdadeira instituição de fomento à economia, como verdadeiro banco de fomento,

foi esse o projecto para o qual foi criada. Esta é a primeira linha dentro das novas competências que a IFD tem. Além desta linha vamos lançar uma específica de apoio às exportações.

### A linha Exportações, com 600 milhões, também vai estar no terreno agora?

Exactamente, com outras funcionalidades.

### Quais são?

Por exemplo, financiar crédito a clientes. Este ano estamos a lançar linhas com 2.700 milhões de euros, a que acrescem 800 milhões ainda disponíveis na Capitalizar Mais.

### Se não fossem estas linhas, os bancos estavam a conceder crédito às empresas?

Estas linhas ajudam a que mais empresas tenham financiamento, porque os bancos, sem as garantias do Estado, podiam hesitar em dar crédito. E ajudam estas empresas a ter financiamento em melhores condições que de custo quer de prazos, e isso dá

mais confiança para investirem. Nos últimos dois anos as empresas conseguiram aumentar o investimento – em 2017 foi o maior crescimento dos últimos 18 anos –, diminuindo o seu endividamento. Nos primeiros anos estavam a diminuir o endividamento, mas reduzindo o investimento.

### Quais são os custos para o Estado destas linhas novas?

Os custos são relativamente baixos. Só tem custos quando há sinistros, quando não pagam.

### Não está a haver ou não houve problemas de sinistros?

O nível de incumprimento, de sinistros nestas linhas, é muito inferior ao nível geral do mercado. E isso significa que os bancos estão a ser rigorosos na análise e que os instrumentos estão bem construídos e que permitem às empresas fazerem investimentos com menores riscos.

### Porque é novamente o ministro da Economia a dar a cara pelo Capitalizar quando nos últimos tempos tem sido o ministro adjunto Siza Vieira?

O programa Capitalizar é uma iniciativa que está no Ministério da Economia. Houve uma estrutura de missão, que deu um enorme apoio, e o ministro adjunto estava na estrutura, fez um trabalho excelente e está agora no Governo a fazer o papel de ministro adjunto, e está a fazer o seu papel muito bem, e como ministro adjunto dá um apoio muito forte a todas as questões que envolvem vários ministérios. O lançamento das linhas depois de aprovadas no Orçamento dependem apenas das instituições da Economia, mas o trabalho que estamos a fazer para a frente vai continuar a envolver políticas transversais e o ministro adjunto vai entrar. ■





## OS MILHÕES DAS LINHAS DE FINANÇAS

O Governo vai lançar a linha Capitalizar 2018, com 1.600 milhões de euros. A este volume acrescem 500 milhões da linha MidCaps. E os 800 milhões ainda disponíveis da Capitalizar Mais e 600 milhões da linha Exportações.

### LINHA CAPITALIZAR 2018

Dotação de 1.600 milhões de euros, distribuídos por um conjunto de instrumentos financeiros dirigidos maioritariamente a PME.

	Linha Micro e Pequenas Empresas	Linha Indústria 4.0/Apoio à Digitalização	Linha Fundo de Maneio	Linha Plafond de Tesouraria	Linha Investimento (geral)	Linha Investimento (projectos 2020)
<b>MONTANTE</b>	<b>450M€</b>	<b>100M€</b>	<b>700M€</b>	<b>150M€</b>	<b>100M€</b>	<b>100M€</b>
<b>OBJECTIVO</b>	Melhorar as condições de financiamento das micro e pequenas empresas para investimento em activos ou reforço de capitais.	Facilitar o acesso a crédito às empresas que desenvolvam projectos de produção ou aplicação de soluções no âmbito da Indústria 4.0.	Complementar a oferta existente com soluções ao nível de Fundo de Maneio.	Conferir maior flexibilidade à gestão de tesouraria das empresas, disponibilizando crédito em sistema de "revolving".	Financiar investimentos em activos com elevado prazo de recuperação.	Financiar despesas elegíveis em projectos aprovados no âmbito do Portugal 2020.

### LINHA CAPITALIZAR MidCaps

Esta linha visa oferecer não só às PME, mas também às MidCaps portuguesas, financiamento de longo prazo com menor custo.

**500M€**

Financiar investimentos de PME e MidCaps que apresentem maturidades médias mais longas (podendo ir até aos 12 anos) e que visem financiar projectos que promovam a modernização, a inovação ou a internacionalização.

Fonte: Ministério da Economia

PRIMEIRA LINHA **NOVAS LINHAS DE CRÉDITO****MANUEL CALDEIRA CABRAL MINISTRO DA ECONOMIA**

# “Esta maioria deve estar toda ela orgulhosa”

**As empresas continuam a pedir ao Governo que garanta financiamentos em boas condições. Mas acrescentam, agora, um problema adicional: falta de mão-de-obra e necessidades na formação profissional.**

**ALEXANDRA MACHADO**  
amachado@negocios.pt

O ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, não se compromete com descidas de impostos às empresas para 2019. Mas quanto ao Orçamento para o próximo ano diz esperar que se alcance um acordo com os actuais parceiros parlamentares.

**O que lhe pedem as empresas? Não pedem para actuar mais na área fiscal, nomeadamente reduzindo o IRC?**

Há dois anos, o que as empresas nos pediam era principalmente que houvesse condições de crescimento económico e confiança dos consumidores, para que os clientes voltassem às suas lojas, aos seus restaurantes, voltassem a comprar os seus produtos.

**Mas agora o que lhe pedem?**

O que pediam, e continuam, é condições de financiamento mais favoráveis, com prazos mais realis-

tas e com custos mais contidos. Esta era uma questão muito importante há dois anos, mas continua a ser determinante hoje em dia. E continua a ser muito importante também para o nosso sistema financeiro para ter mais confiança e dar melhores condições de financiamento e alargá-lo a um leque mais amplo de empresas. Mas, neste momento, as empresas estão muito preocupadas com o pessoal, com a formação, com a escassez de mão-de-obra e, por isso mesmo, é uma área em que temos dado muita atenção.

**Já não pedem a descida do IRC?**

Penso que as empresas vão sempre querer menos impostos sobre lucros, e penso que é justo que o reivindicem. É uma reivindicação justa e razoável por parte das empresas. Mas o Governo desceu os impostos sobre quem investe e em particular sobre quem capitaliza as empresas. Os impostos desceram também sobre quem trabalha, o que reduz os custos das empresas que hoje estão a recrutar trabalhadores e a fazer com que estejam a ganhar mais em termos líquidos, porque estão com uma carga de IRS menor. E os impostos desceram também em algumas áreas como o IVA da res-

**“As empresas, neste momento, estão muito preocupadas com o pessoal, com a formação, com a escassez de mão-de-obra.”**

**“O aumento do investimento mostra bem que as empresas estão com mais confiança.”**

**“Seria um péssimo sinal se não conseguíssemos ter um Orçamento para 2019.”**

**“O que estamos a fazer é uma política responsável. O que estamos a fazer é uma política fiscal responsável.”**

tauração, e isso teve um impacto enorme nesse sector, quer na criação de emprego quer na melhoria das condições financeiras. Muitas dessas empresas melhoraram muito o seu fluxo de tesouraria.

**Podem ser prejudicadas com o aumento do salário mínimo acima dos 600 euros?**

O que em termos fiscais temos feito é uma política equilibrada, é verdade que mais centrada na redução dos impostos sobre o trabalho, que é muito importante e que melhora a qualidade de vida das pessoas e melhora o poder de compra, mas reduz também os custos às empresas pela via salarial, dando mais competitividade. Estamos a trabalhar em medidas fiscais e o programa Capitalizar teve medidas importantes, como o regime de remuneração convencional do capital social, o crédito fiscal ao investimento, o melhoramento do regime de lucros reinvestidos.

**Está a dizer às empresas que já é suficiente?**

É reconhecido pelas empresas como um avanço no sentido certo e que criou os incentivos certos, que foram entendidos pelas empresas. O aumento de 9% do investimento mostra bem que as empresas estão

com mais confiança e acham que as condições para investir estão mais favoráveis e interessantes. O que estamos a fazer é uma política responsável, temos conseguido superar os resultados em termos de consolidação das contas públicas e em termos de crescimento económico, e isso é muito importante.

**Em 2019 vai haver dinheiro para mais linhas?**

É uma questão que deve entrar para o Orçamento de 2019.

**Vai haver Orçamento de 2019? Está confiante que se vai chegar a um acordo com os parceiros parlamentares?**

Seria um péssimo sinal se não conseguíssemos ter um Orçamento para 2019 e penso que vamos conseguir ter um Orçamento para 2019. E nesse Orçamento haverá espaço para instrumentos para o financiamento às empresas, haverá espaço para se continuar a melhorar as condições de vida dos cidadãos portugueses, haverá espaço para o investimento público. Haverá espaço para a melhoria do funcionamento dos serviços públicos, importante em muitas áreas, haverá espaço para trabalhar na melhoria da condição dos cidadãos.

**Mas não para descer o IRC?**

Temos negociado Orçamentos do Estado diferentes dos que tivemos no passado, no período de austeridade e de ajustamento. Não haverá espaço para fazer tudo o que queríamos e desejávamos fazer num só ano, mas também não haverá espaço para o que foi a política de austeridade, em que as pessoas antes de um Orçamento estivessem a medir quanto é que lhes iria ser cortado às pensões, ou seriam aumentadas as taxas de impostos ou reduzidos os seus salários. Para isso não haverá espaço. Haverá espaço para melhorar as condições de vida das pessoas, melhorar as pensões, os rendimen-







Miguel Baltazar



**“Os americanos, de facto, hoje olham para Portugal como um destino mais apetecível.”**

**“Alguns dos problemas no aeroporto têm que ver com o sucesso do turismo fora da UE.”**

## “Esperamos que os EUA se mantenham um país aberto”

As estimativas para 2018 de crescimento de Portugal são de 2,3%, mas o Banco de Portugal já alertou para a possibilidade de a guerra comercial poder ter um impacto de 0,7% em três anos. Manuel Caldeira Cabral, ministro da Economia, não se alonga em comentários sobre essa disputa no comércio global, mas diz ter esperança de que os Estados Unidos – para onde as exportações portuguesas estão a crescer – continuem a ser um mercado aberto.

### A guerra comercial pode prejudicar o crescimento?

Portugal tem uma política comercial muito clara. É um país aberto ao comércio e que tem trabalhado dentro da União Europeia (UE) – porque é onde temos de trabalhar numa política comercial aberta. Nós aplaudimos e ratificamos o acordo de comércio livre com o Canadá e na missão que fizemos ao Canadá destacámos as oportunidades que este acordo de comércio livre abre. Em alguns produtos as tarifas de acesso baixam 20%, o que dá uma margem muito interessante de crescimento para as nossas exportações. Temos insistido muito no seio da UE para que avancem de forma efectiva os acordos comerciais com Mercosul, que são muito importantes e estratégicos para Portugal e Espanha, que tem sido um aliado nessa luta. Os acordos comerciais com o Mercosul abririam um mercado muito grande, em

que as empresas portuguesas por razões linguísticas e culturais estariam na linha da frente para conseguir conquistar. Temos, ainda, trabalhado num acordo com o Japão, com a Índia.

### Isso pode compensar alguma quebra que haja com os Estados Unidos da América?

Portugal tem tido um bom crescimento das exportações para os Estados Unidos, e tem tido uma boa capacidade de atracção de investimento americano. Mas simultaneamente está bastante aberto a ser uma porta de entrada para os produtos americanos na Europa. Portugal tem hoje, nas empresas que estão internacionalizadas, investimentos nos EUA e com potencial para vir a crescer.

### E o impacto?

Portugal tem-se destacado sempre como um país que, sendo Atlântico, é um parceiro de comércio e investimento dos EUA. E esperamos que os EUA, que sempre foram um país marcado por defender uma política de abertura ao comércio, se mantenham como um país aberto. Mesmo reconhecendo que alguns dos acordos – que podiam estar a avançar ao nível do Atlântico e que poderiam acelerar o processo de abertura e a estender a novos produtos, sectores e serviços – neste momento tenham perspectivas para avançar mais fracas do que há dois ou três anos. No

entanto, verificamos que tem havido um crescimento muito importante nas nossas exportações para os EUA, e nomeadamente as da área do turismo. Os americanos, de facto, hoje olham para Portugal como um destino mais apetecível. O número de americanos que vieram para Portugal cresceu 40%.

### Apesar dos problemas no aeroporto...

Penso que não é apesar. Alguns dos problemas que estamos a ter no aeroporto têm que ver com o termos adiado alguns dos investimentos, mas também com o enorme sucesso que estamos a ter no turismo de turistas fora da União Europeia. Os dos EUA estão a crescer 40%, mas o Brasil também está a ter um crescimento enorme de turistas. E os voos directos para a China estão a fazer crescer imenso o turismo. Estes três destinos, a par com outros mais longínquos, são muito interessantes porque os turistas de qualquer um deles gastam por dia mais do dobro do que gastam os europeus. Significa que são turistas muito interessantes. Investimos muito na promoção junto destes mercados porque o que queremos em Portugal é turistas que gastem mais. E esse crescimento em valor e de turistas criou pressão sobre algumas infra-estruturas e é por isso que estamos a acelerar o processo de abertura do novo aeroporto. ■

tos dos trabalhadores do Estado, melhorar os serviços públicos, melhorar condições de financiamento das empresas, que é muito importante para continuar este processo de crescimento do investimento. Demonstrámos que esta política é diferente. Não é possível fazer tudo, mas hoje discute-se quanto é que vai haver de aumento, quanto é que se vai fazer melhor, quanto é que se vai fazer melhor, não se está a discutir quanto é que se vai cortar, quanto é que se vai aumentar os impostos, quanto é que se vai tirar aos pensionistas. A discussão é diferente. As expectativas são diferentes e temos de

conseguir responder a essas expectativas com realismo e é assim que vai ser feito o Orçamento do Estado de 2019 que espero venha a ser aprovado na Assembleia da República.

### Com os parceiros actuais?

Sim, com esta maioria que tem dado apoio ao Governo e que deve estar toda ela – todos os partidos que deram apoio ao Governo – orgulhosa do trabalho que conseguimos fazer de relançamento da economia, criação de emprego e devolução de rendimentos e de esperança aos portugueses. ■